

Regional

TRADIÇÃO MILENAR

Guardiões do fogo nas montanhas

Descendentes de italianos de Venda Nova mantêm costume de acender fogueira em festa para comemorar a visita dos Reis Magos

Leandro Fidelis
VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Os italianos que colonizaram Venda Nova do Imigrante, na região serrana, trouxeram muito mais do que a paixão pela polenta. Na véspera do Dia de Reis, em 5 de janeiro, os homens mais velhos da cidade perpetuam uma tradição que remonta ao período anterior ao cristianismo na Europa.

Eles são personagens principais do Panevin (pão e vinho), uma festa noturna que reúne famílias inteiras para celebrar a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus. Depois de rezarem e entoarem cânticos religiosos, os anfitriões da casa acendem a fogueira, e, por isso, são considerados os “guardiões do fogo”.

O mais conhecido é o agricultor Ambrósio Falqueto, 94 anos, que todos os anos recebe a comunidade no quintal de sua casa, como o professor de música e regente de coral Romualdo Falqueto, 70 anos.

Como manda a tradição, Ambrósio prepara a lenha durante o dia, que recebe água benta antes de ar-



FOTOS: LEANDRO FIDELIS

AMBRÓSIO, BENJAMIN E ROMUALDO veem a fogueira queimar como na festa Panevin, comemorada na véspera do Dia de Santo Reis, em 5 de janeiro. A tradição remonta ao período anterior ao cristianismo na Europa

der até a noite terminar.

O acendimento da fogueira é seguido há mais de um século, assim como faziam os italianos da Província de Treviso, região do Vêneto, origem da maior parte dos descendentes de Venda Nova.

Segundo o agricultor Benjamin Falqueto, 87 anos, a fogueira simboliza a Estrela Guia que conduziu

os Reis Magos até Belém, onde nasceu Jesus. Durante diversas ocasiões, o agricultor foi o guardião do fogo em sua casa.

“No passado, os agricultores comemoravam a colheita queimando palha de trigo e de videira, as matérias-primas para o pão e o vinho. Se a chama soltasse faísca, significava que a próxima safra seria

abundante. Se pendesse para um dos lados, sinalizava o contrário.”

Até 1939, o Panevin era realizado por 20 famílias em vários cantos do município. Com a eclosão da 2ª Guerra Mundial, quando os italianos foram proibidos de manifestar publicamente sua cultura e falar o idioma natal, a tradição deu uma pausa, só retornando após 1949.

“A gente sentia saudade da festa e foi o agricultor e escritor Máximo Zandonadi quem reacendeu a chama da tradição”, lembra Benjamin.

Atualmente, duas festas de Panevin são as mais populares: a de Ambrósio, na localidade de Bananeiras, e a promovida pelo Coral Santa Cecília, no Centro de Convivência Vicente Falqueto, em Lavrinhas.

Ladainha em latim e quitutes

A festa Panevin é a única tradição de Venda Nova do Imigrante em que prevalece o latim nas celebrações. Durante a reza da ladainha, oração formada por uma série de invocações curtas e respostas repetidas, os descendentes de italianos fazem questão de tornar viva a língua das antigas liturgias da Igreja Católica.

Passada a parte religiosa, a comemoração segue com mesa repleta de comes e bebes típicos.

O professor de música e regente de coral Romualdo Falqueto, 70 anos, destaca os principais: pinsa, uma broa feita com fubá pré-cozido e assada embrulhada na folha de bananeira, e o vin brulé dell'epifania, uma espécie de quentão feito com vinho.

“Antigamente, a gente colocava o vinho na frigideira e ateava fogo e açúcar. Mas, hoje em dia, o brulé muitas vezes dá lugar ao vinho de mesa”, conta Romualdo, que sempre acompanha os cânticos italianos do Panevin com sua sanfona.

O anfitrião da festa, o agricultor Ambrósio Falqueto, 94 anos, afirma que a ideia de celebrar a Epifania – outro nome dado por cristãos à visita dos Reis Magos ao menino Jesus – é confraternizar com amigos como em um piquenique.

“Sempre recomendamos que as pessoas tragam um prato e uma

bebida. Biscoitos, bolos, doces e salgados são aceitos. É bonito ver a mesa cheia”, disse Ambrósio.

O dia 5 de janeiro é também a

data em que o presépio instalado na casa da família deve ser desmontado, encerrando as comemorações iniciadas no Natal.

CURIOSIDADES



Bispo é presença cativa em festa

Filho de Máximo Zandonadi, que resgatou a tradição do Panevin, o bispo emérito de Colatina, Dom Décio Zandonadi, 74, sempre vai a Venda Nova participar da festa. Ele abençoa as fogueiras antes de serem acesas.

Em 2012, chovia na casa de Ambrósio Falqueto e a fogueira precisou ser acesa com um maçarico. Dom Décio foi de guarda-chuva até o local, deu a bênção e as comemorações prosseguiram.



Na Itália, “bruxa” faz parte da tradição

Na Itália, a lenda da Befana é contada à época do Natal e do Panevin. Na noite antes de 25 de dezembro, ela voa em sua vassoura, entregando presentes. A personagem parece uma bruxa e tem origem no paganismo.

Diz a lenda que Befana deixa doces, frutas ou presentes nas meias das crianças que se comportaram. Mas, se a criança foi desobediente, pode encontrar um pedaço de carvão nas meias.



GRUPO DE FOLIA DE REIS DE VENDA NOVA: cultura portuguesa também preserva seus costumes na cidade

Folias de Reis também celebram data na cidade

A cultura portuguesa também divide espaço com as tradições dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante. O município concentra dois grupos de Folia de Reis em atividade, que se apresentam de novembro a janeiro, a convite dos moradores.

A Folia de Reis Estrela da Guia, do distrito de São João de Viçosa, já percorreu o interior da cidade e também comunidades da zona rural de Afonso Cláudio.

“Os convites são constantes e até o padre pediu para nos apresentarmos nas missas das comunidades da paróquia”, contou o coordenador do grupo Vanderlei Abílio, o “Delei”.

Segundo ele, o grupo Estrela da

Guia existe há mais de 60 anos e, atualmente, conta com 17 membros. Embora pelo calendário as folias encerrem as visitas em 6 de janeiro, o grupo tem apresentações previstas até o último dia do primeiro mês do ano.

No próximo dia 15, os foliões participarão de um encontro de Folias de Reis, em Aparecida do Norte (SP), pela nona vez.

Outra Folia de Reis de Venda Nova é a Nossa Senhora Aparecida, do bairro São Pedro, existente há oito anos. São 15 componentes, o mais velho com 76 anos e o mais novo com 16. O mestre Geneci Ferreira Berúdio, 48, transporta os companheiros na própria Kombi para se apresentar nas casas.